

## O USO DO MODO SUBJUNTIVO EM COMUNIDADES RURAIS AFRO-BRASILEIRAS

Vivian MEIRA

Universidade do Estado da Bahia

### RESUMO

*Neste artigo, apresenta-se um estudo sobre a variação no uso do modo subjuntivo em quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia. Do ponto de vista lingüístico, as formas do modo subjuntivo ocorrem com maior frequência em duas situações: (i) uma de base morfológica, em que o uso das formas de subjuntivo se dá tanto com verbos, quanto com o tempo em que a oposição subjuntivo versus indicativo é mais saliente; (ii) outra de base semântica, em que o irrealis tende a favorecer o uso do modo subjuntivo. Diferentemente do que se registra em pesquisas no português urbano, observa-se que o subjuntivo vem ganhando ambiente antes ocupado apenas pelas formas do indicativo, o que demonstra a aquisição das formas do subjuntivo pelos falantes dessas comunidades, confirmando a realidade bipolarizada do português do Brasil.*

### ABSTRACT

*This paper examines the variation of subjunctive mood on the speaking of four black rural Brazilian communities at the countryside of State of Bahia. From the linguistic point of view, the subjunctive mood forms occur more widely in two situations: (i) the first one is determined by the morphology, in which subjunctive forms are compatible*

*with both verbs and with time when subjunctive/indicative opposition is more prominent; (ii) the second is related to the semantic component, in which the irrealis tends to be used in the subjunctive mood. In addition to this, opposed to what the recent research has been registered in relation to the urban Portuguese Language, we have observed that the subjunctive mood is increasing more widely in places where only indicative mood forms occurred before.*

#### PALAVRAS-CHAVE

*Sociolinguística, Língua Portuguesa. Subjuntivo, Comunidades afro-brasileiras. Bahia.*

#### KEYWORDS

*Sociolinguistics, Portuguese Language, subjunctive mood; Black Brazilian communities, Bahia.*

### **Introdução**

Neste trabalho, aplicamos a teoria da variação lingüística laboviana, além de pautarmo-nos também na Teoria da Transmissão Lingüística Irregular (TU), como forma de explicar a variação no uso dos modos verbais entre falantes de comunidades rurais. Em linhas gerais, consideramos a hipótese de que a variação no uso do subjuntivo nessas comunidades seja resultado do processo de TLI, desencadeado pelo 'massivo contato do português' com as línguas africanas, ocorrido nos períodos colonial e imperial. Acreditamos que, nessas comunidades, diferentemente do que se observa em pesquisas no português urbano, o

subjuntivo vem gradativamente ganhando ambiente antes ocupado apenas pelo indicativo, visto que os antepassados desses falantes devem ter adquirido por meio do processo de TLI as formas do indicativo, pois este modo, por se referir a eventos reais, tende a ser mais usado na comunicação, podendo ser definido como o modo morfológicamente não marcado. Atualmente, o subjuntivo vem sendo adquirido por esses falantes em decorrência de toda a infra-estrutura propiciada pela urbanização de nosso país.

### 1 O fenômeno estudado: o modo subjuntivo?

A tradição gramatical apresenta um sistema de modo verbal, cujo emprego se baseia ora em critérios semânticos, ora em critérios sintáticos e formais. De fato, se nos pautarmos na gramática tradicional, observaremos uma miscelânea de regras que nomeiam o emprego dos modos verbais, especificamente do subjuntivo.

Esse conjunto de fatores, arrolados pela tradição gramatical portuguesa, atesta a variação no emprego dos modos verbais, uma vez que apresenta, por exemplo, a anteposição ou posposição do advérbio *talvez* ao verbo como regra de emprego de subjuntivo ou de indicativo, respectivamente, como se o advérbio por si só marcasse a atitude que deveria ser categoricamente expressa pelo verbo, como em: *Talvez* eu *compre* uma camisa e *Comprarei talvez* uma camisa. / 207

Os modos verbais são também condicionados por regras facultativas cuja aplicação é regulada por fatores intencionais e subjetivos, pois, muitas vezes, cabe à atitude do falante o emprego de determinado modo, mesmo que a estrutura gramatical indique o uso de um modo específico.

Por outro lado, verificamos também que a complexidade em estudar a forma verbal se dá inicialmente a partir do fato de que um mesmo morfema acumula em si as noções de tempo e de modo. Semanticamente, são valores distintos, mas são indissociados morfologicamente.

O respaldo teórico apresentado pela gramática tradicional é muitas vezes contraditório com o uso. Tomando como base Santos (2003) achamos conveniente, como primeiro passo, observar o que existe de comum em:

- (i) Quero que você estude hoje;
- (ii) Duvido que você estude hoje.

Curiosamente, poderíamos nos perguntar o que permite a mesma forma - estude - assumir conteúdos semânticos distintos, como dúvida, vontade, sentimento etc. Levando em conta o que prescreve a tradição gramatical, no que diz respeito ao emprego do subjuntivo, diríamos que tal modo é determinado automaticamente pelo tipo de verbo da oração principal e, assim, deparamo-nos com um "problema" sintático. Por outro lado, assume-se também que o modo verbal é dependente de uma atitude do falante diante de um fato ou de uma proposição enunciada, referindo-se, assim, a uma questão semântico-pragmática.

No entanto, o emprego do subjuntivo não se deve exclusivamente a uma questão sintática ou semântico-pragmática, mas também, e com certa frequência, a expressões de dúvida, a conjunções, a advérbios etc. Daí, poderíamos supor que os princípios sintático e semântico-pragmático de emprego do subjuntivo estariam estreitamente relacionados com tais *partículas*. Em outras palavras, uma explicação

meramente sintática não abarcaria todas as ocorrências do subjuntivo e, devido a isso, teríamos de recorrer a critérios puramente semânticos, que, por sua vez, são /208 insuficientes, não cobrindo todos os aspectos de uso desse modo em português, valendo-se, assim de definições de *vária* ordem.

## 2 Metodologia

Discutiremos a frequência de emprego do uso do modo subjuntivo em quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior do estado da Bahia: as comunidades de Cinzento, Helvécia, Barra e Bananal e Sapé. Para análise dos dados dessas comunidades, utilizaremos os *corpora* constituídos pelos pesquisadores do *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*. Serão analisados 28 inquéritos.

Os informantes foram distribuídos em sexo (masculino e feminino), idade (faixa I: de 20 a 40 anos; Faixa II: de 41 a 60 anos; Faixa III: de 61 a 80 anos e Faixa IV, com mais de 80 anos), escolaridade (analfabeto e semi-analfabeto) e estada fora da comunidade (aqueles que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade e aqueles que se ausentaram da comunidade por um período inferior a seis meses).

Optamos pelo estudo dessas comunidades pelo fato de elas serem constituídas por afro-descendentes, cujo passado está ligado ao contato entre línguas e ao processo de TLI e por apresentarem certo grau de isolamento de outros meios sociais, pois, segundo nossa hipótese de trabalho, o contato entre a língua portuguesa e as línguas africanas faladas pelos antepassados dos membros que hoje vivem em tais comunidades e a transmissão irregular daquela a estes falantes foram

responsáveis por muitas das variações ocorridas no português rural do Brasil.

## 2.1 O contexto lingüístico: a variável dependente e as variáveis explanatórias

Delimitamos duas variáveis dependentes para estudo: (i) o uso do modo subjuntivo em orações relativas; e (ii) o uso do subjuntivo em orações completivas. /209

Para a análise do *uso do subjuntivo nas orações relativas e nas completivas*, utilizaremos variáveis como o *tempo do subjuntivo previsto no uso culto e morfologia verbal*, a fim de avaliar a atuação do princípio da *saliência fônica*, isto é, se as formas mais marcadas foneticamente na oposição subjuntivo *versus* indicativo favorecem o uso do subjuntivo, isso será válido tanto para a diferença entre as formas do presente e do imperfeito do subjuntivo, quanto com relação à questão da regularidade e irregularidade dos verbos.

Por outro lado, como se trata de comunidades que apresentam um passado marcado pelo contato entre línguas e pelo processo de TLI, esperamos que as marcas do tempo futuro (de verbos regulares) sejam mais recorrentes, visto que estas se assemelham às formas do infinitivo, o que teria facilitado a sua aquisição pelos falantes. Nesse sentido, observe-se que a marca do futuro tende a se assemelhar à do infinitivo, mesmo em verbos irregulares, como em "É aonde nós tamos por aí até o dia *que Deus querê*" (SubR\_R24).

Para a análise das orações relativas, faremos uso também da variável *localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao*

*momento da enunciação*, uma vez que levamos em consideração a hipótese de que uma referencialidade posterior ao momento da enunciação, por se relacionar a eventos irreais e hipotéticos e, portanto, ao valor semântico do subjuntivo, tenda a favorecer o uso desse modo verbal.

Quanto ao *uso do subjuntivo em orações completivas*, os fatores lingüísticos selecionados para a análise dos *corpora* foram os seguintes: (i) *tipo da oração em que a completiva está encaixada*; (ii) *avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva*; a fim de verificar a relação entre o modo subjuntivo e o valor semântico *irrealis* contido na oração principal; assim, esperamos que esse modo verbal tenda a ocorrer em completivas encaixadas em orações que, em linhas gerais, contenham proposições hipotéticas, que estejam sob o domínio da dúvida e da incerteza e, portanto, que estejam associadas ao valor semântico do subjuntivo. /210

### **3 A análise dos dados das orações relativas: O fenômeno sob a perspectiva lingüística**

Com relação ao uso do subjuntivo em orações relativas, encontramos apenas 162 ocorrências referentes aos contextos em que é previsto o emprego do subjuntivo de acordo com os padrões normativos. De fato, o número de ocorrências foi reduzido. Obtivemos um total de 23% de uso de subjuntivo. Pimpão (1999), ao estudar o português urbano, utilizando o *corpus* do projeto VARSUL, encontrou, aproximadamente, 82% de uso do subjuntivo nas relativas no tempo presente, ao passo que, em nossos *corpora*, registramos apenas 18% de uso do subjuntivo nesse tempo verbal. Assim, os nossos resultados não estão de acordo com

aqueles encontrados com falantes do meio urbano, o que contribui para demonstrar a concorrência de duas gramáticas, uma referente ao português urbano e outra, ao português rural, em especial, afro-brasileiro.

O VARBRUL selecionou com nível de significância .044 três variáveis lingüísticas e uma social. A seguir, apresentaremos cada variável de acordo com a ordem de sua seleção.

### **3.1 Localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação**

Como podemos ver, a partir dos resultados da Tabela 1, o uso do subjuntivo é largamente favorecido quando o evento referido na relativa se localiza em um momento posterior ao momento da ilocução. / 211

Tabela 1

O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro, segundo a localização temporal do evento expresso na oração relativa

(Nível de significância: .044)



LOCALIZAÇÃO TEMPORAL	nº de oc./Total	Freq.	P.R.
1. Posterior à ilocução	17/31	61%	93
2. Simultaneamente à ilocução	09/38	13%	36
3. Anteriormente à ilocução	12/66	15%	37
TOTAL	38/135	28%	

O uso do subjuntivo é desfavorecido quando os eventos referidos são anteriores ou simultâneos ao momento da ilocução, como exemplificados, respectivamente, em "[...] as comida *que num dava* pá comê, num podia come" (Cinz., 09) e "É difíci i(r) assim alguém *que num usa* o chapéu" (Cinz., O 1). Isso se ajusta ao valor semântico do subjuntivo, pois este se relaciona a eventos hipotéticos e irreais, que, por sua vez, abarcam também uma referencialidade posterior ao momento da enunciação. De fato, esse plano do *irrealis* está mais diretamente ligado ao futuro, a momentos posteriores do que ao presente e ao passado; na verdade, os eventos que se situam no futuro são objetivamente irreais, por maior que seja a certeza do falante em face da sua realização. Como exemplos da localização posterior, temos: "Quando a gente vai tem em quarqué um das casa *que fô* [...]" (Cinz., 09).

### 3.2 Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

O subjuntivo no português afro-brasileiro é mais usado nos contextos em que o uso culto prevê as formas do futuro e do imperfeito, como podemos verificar na Tabela 2. / 212

Tabela 2

O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a forma prevista na norma culta

(Nível de Significância: .044)

FORMA PREVISTA NO USO CULTO	nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
1. Futuro do subjuntivo	17/31	55%	.78
2. Imperfeito do subjuntivo	09/38	24%	.46
3. Presente do subjuntivo	12/66	18%	.38
TOTAL	38/135	28%	

Verificamos que o grande favorecedor do uso das formas do subjuntivo é o futuro, conforme exemplificado em "[ ... ] quarqué uma coisa *que precisá*, eu sô mulé pa empresta" (Sapé, 12), enquanto o imperfeito fica um pouco abaixo da média geral de uso (24% contra 28%, do geral), desfavorecendo ligeiramente o emprego do subjuntivo (p.r. de .46). O contexto de presente é aquele que mais desfavorece O uso desse modo verbal.

Segundo Câmara Jr. (1979), não existia no latim vulgar o tempo futuro do subjuntivo, que se originou de formas flexionais volitivas e subjuntivas e, a partir daí, desenvolveu-se um futuro modal, que conduziu as línguas românicas a um futuro temporal. Para Lyons (1979), o caráter modal do tempo futuro, existente desde o latim, atua no futuro temporal das línguas românicas. Pimpão (1999) defende que a noção de futuridade, desencadeada pelo tempo presente, favorece o uso do subjuntivo e não o valor nocional *irrealis*.

A partir dos nossos resultados, registramos que o uso do subjuntivo em comunidades afro-brasileiras é favorecido pelo tempo futuro (55%), com um peso relativo de .78 e não pelo tempo presente (18%). Isso pode ser explicado da seguinte maneira. A idéia de projeção futura desencadeada pelo tempo futuro pode se relacionar com o traço *irrealis*, na medida em que o futuro indica apenas uma suposição, hipótese ou, como afirma Câmara jr. (2002), o tempo futuro, assim como o pretérito /213 mantêm uma oposição em orações que designam unia-condição prévia do que será dito, pois um evento futuro sugere que poderá acontecer ou não. Além disso, as formas do futuro em sua grande maioria, coincidem com as formas do infinitivo, o que facilitaria a sua aquisição. Já o imperfeito e o presente, que apresentam morfemas exclusivos, seriam mais lentamente incorporados ao uso da comunidade de fala. E, entre esses dois, as formas do imperfeito levariam vantagem por apresentarem um morfema foneticamente mais saliente e regular, o *-sse-* (que possui o padrão silábico CV). Por outro lado, a alternância da vogal temática que marca as formas do presente do subjuntivo seria a de mais difícil aquisição, o que nos leva a crer que a forma de futuro foi facilmente adquirida pelos falantes no processo de TLI, desencadeado pelo contato entre línguas.

Tendo em vista apenas as formas do imperfeito e do presente, esperávamos, tornando como base o princípio da *saliência fônica*, que aquelas fossem as favorecedoras do uso do subjuntivo, o que pode ser confirmado em nossos resultados, já que encontramos um peso relativo de .46 para o uso das formas do tempo imperfeito e de .38 para o uso do presente. Assim, defendemos que, no processo de aquisição da norma

culta, os falantes das comunidades de fala analisadas tendem a usar inicialmente a forma de subjuntivo que se assemelha a outras formas de nossa língua e, em Outro sentido, os falantes adquirem as formas de subjuntivo em que o material fônico é mais perceptível, pois, nos ambientes em que o material fônico é menos saliente, o uso de subjuntivos foi menor.

Acreditamos que essas comunidades adquiriram mais facilmente, no processo de TLI, as formas do tempo futuro por coincidirem com as formas do infinitivo; por outro lado, nos grandes centros, o alto índice de uso da forma do tempo presente pode ser explicado pelo fato de nesses meios haver a difusão do padrão culto por intermédio dos meios de comunicação e por meio da escolarização.

Segundo Wherritt (1997 *apud* FARIAS, 2005, p. 50), há duas fases no processo de aquisição das formas de subjuntivo: / 214

a) uma em que o subjuntivo é adquirido na comunidade por meio do *input*, por exemplo, o aparecimento do futuro do subjuntivo em orações adjetivas, com conectivos como 'se', 'como se', 'quando', 'onde' e depois de palavras que indicam incerteza;

b) outra que é adquirida por meio da educação formal, em que aparece o uso do subjuntivo nas orações adjetivas (no presente e no pretérito) e em orações substantivas introduzidas por conjunções diferentes das mencionadas acima.

Tomando-se como base as comunidades de fala analisadas, podemos encaixá-las nessa primeira fase, uma vez que as formas do futuro podem ter sido adquiridas pelo *input* no processo de TLI. Por outro lado, isso

também explicaria o uso do tempo presente pelos falantes do português urbano, uma vez que estes, mesmo que muitos não passaram por uma educação formal, mantêm sempre contato com os meios difusores da norma culta.

### 3.3 Morfologia Verbal

Esperávamos que, por influência do material fonético envolvido na diferença entre a forma do subjuntivo nos verbos regulares e irregulares, nestes, fosse mais empregada a marca de subjuntivo. No entanto, os verbos regulares favorecem mais o uso das formas do subjuntivo do que os verbos irregulares, como podemos verificar na Tabela 3:

Tabela 3

O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a morfologia flexional do verbo

(Nível de Significância: .044)

FLEXÃO VERBAL	nº de oc. / Total	Freq.	P.R.
1. Regular	14/50	28%	.66
2. Irregular	24/112	21%	.42
TOTAL	38/162	23%	

Este resultado pode ser explicado da seguinte forma: levando-se em consideração o fato de que o futuro teve um maior percentual de uso nessas comunidades rurais (55%), com um peso relativo de .78 e de que as formas desse tempo verbal coincidem com as formas do infinitivo, o

emprego das marcas de subjuntivo nos verbos regulares também coincide com as marcas de futuro e de infinitivo, o que teria facilitado o processo de aquisição por parte dos falantes. A ocorrência "Mas a criação que '*ocê sustentá*' na mão, 'cê é obrigado tê a mandioca" (Cinz., 12) é exemplo do uso do subjuntivo em verbos regulares, ao passo que "Se eu topá ôta pessoa *que me dá* assistência e me ajuda é o pai, a mesma coisa" (Cinz., 06) exemplifica o não uso desse modo em verbos irregulares.

### **3.4 O fenômeno sob a perspectiva social: estada fora da comunidade**

Das variáveis sociais, o VARBRUL só selecionou como estatisticamente relevante a *estada fora da comunidade*. Os resultados contrariam a expectativa, pois aqueles que não saíram da comunidade usam mais o subjuntivo do que aqueles que já viveram fora da comunidade. Entretanto, devemos salientar que, com um número de ocorrências tão baixo como o que se obteve nos *corpora* analisados, dificilmente poderíamos chegar a resultados confiáveis no plano das variáveis sociais. /216

## **4 A análise dos dados das completivas: as variáveis lingüísticas**

Quanto ao uso do subjuntivo em orações completivas, nos contextos prescritos como de uso do subjuntivo, foram registradas apenas 80 ocorrências. Nesse contexto, o subjuntivo foi usado apenas em 23 ocorrências; portanto, 29% do total, número bastante reduzido. Por

outro lado, Pimpão (1999) encontra o total de 84% de uso do subjuntivo nas completivas, no tempo presente, num *corpus* constituído por 83 ocorrências (70 apresentaram o uso do subjuntivo), mas, em nossos *corpora*, registramos apenas 24% de uso do subjuntivo no tempo presente. A disparidade desses resultados ratifica as diferenças entre a gramática do português urbano e a do português afro-brasileiro.

De certa forma, a base de dados restante ficou bastante reduzida, não possibilitando a obtenção de resultados consistentes no nível da análise probabilística do Programa das Regras Variáveis - VARBRUL. Por isso, os resultados apresentados serão baseados apenas na frequência relativa expressa nos resultados percentuais.

Acreditamos que, no português afro-brasileiro, o indicativo está perdendo (aos poucos) ambiente para o subjuntivo, pois este modo vem sendo gradativamente adquirido pelos membros dessas comunidades. Na verdade, no processo de TLI, ocorrido durante o contato entre línguas, o modo indicativo, não marcado morfológicamente, deve ter sido mais facilmente adquirido pelos falantes, pois, por se referir a eventos reais, este modo tende a ser mais usado na comunicação do que o subjuntivo. Com a crescente urbanização de nosso país e todos os benefícios por ela propiciados, é provável que as formas referentes ao modo subjuntivo tenham sido mais facilmente transmitidas aos falantes do meio urbano; por outro lado, temos a realidade do meio rural, especificamente aquelas comunidades constituídas por afro-brasileiros, que, por muito tempo, se mantiveram isoladas de outros grupos sociais e de todo processo urbanizador, como propõe Lucchesi (2001). /217

#### 4.1. Tipo da oração em que a completiva está encaixada

Levando-se em conta o fato de a oração condicional estar impreterivelmente asso impreterivelmente associada a hipóteses e eventos duvidosos, nossa expectativa era de que os falantes tendessem a fazer uso do subjuntivo quando a oração principal apresentasse uma condição hipotética sobre um evento. Os resultados são apresentados na tabela a seguir e confirmam a relação do modo subjuntivo com o valor semântico *irrealis*:

Tabela 4

O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tipo de oração em que a completiva está encaixada.

TIPO DE ORAÇÃO	nº de oc. / Total	Frequência
1. Condicional	03/07	28%
2. Negativa	06/18	33%
3. Afirmativa	14/55	25%
TOTAL	23/80	29%

#### 4.2. Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

Nas comunidades de fala analisadas, o subjuntivo é mais usado nos contextos do imperfeito do que nos contextos de presente, como podemos observar na tabela:



Tabela 5

O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tempo do subjuntivo previsto no uso culto.

CONTEXTO DE USO	Nade oc. / Total	Frequência
1. Contexto de imperfeito do subjuntivo	11/33	33%
2. Contexto de presente do subjuntivo	11/45	24%
TOTAL	22/78	28%

/218

Confirmamos a aplicação do princípio da alta saliência fonética, visto que a alta frequência de uso do subjuntivo nos contextos de imperfeito (Cf. explicitado em "Eu queria que *estudasse* ..." (Sapé, 05) se deve à maior força morfofonológica desse tempo verbal; na verdade, o morfema do imperfeito *-sse-* apresenta um padrão CV mais consistente em termos de seu material fonético do que a alternância vocálica que indica o presente do subjuntivo (Cf. exemplo "Tá difícil... e essas aí, eles num qué que *tire* não [ .. .]" (Hel., 07)

#### 4.3 Avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva

Esperávamos verificar, com essa variável, quais os contextos semânticos poderiam em maior intensidade influenciar o uso do subjuntivo. A Tabela 6 apresenta os resultados obtidos na quantificação dos dados.

Tabela 6

O uso do subjuntivo no português afro-brasileiro de acordo com a variável *nível de realidade do evento referido na oração completiva*.

NÍVEL DE REALIDADE DO EVENTO	nº de ocorrências. / Total	Frequência
1.Irreal	08/23	35%
2.Hipotético	07/26	27%
3. (In)desejado	08/30	27%
TOTAL	23/79	29%

O contexto *irrealis* pode ser considerado um fator favorável ao uso desse modo verbal. Assim, a forma de subjuntivo nas comunidades de fala analisadas é também condicionada por um parâmetro semântico. Percebemos ainda que as formas de subjuntivo, nos contextos marcados, pelo traço *irrealis*, vêm ganhando ambiente junto ao modo indicativo. Note-se que os valores hipotéticos e (in)desejados apresentam uma /219 porcentagem (27%) abaixo da média geral (29%) de uso do subjuntivo e que o fator *irrealis* apresenta apenas 35%, porcentagem....reduzida quando comparada ao uso deste modo verbal no português urbano.

Tendo isso em vista, podemos citar a teoria da transparência semântica, segundo a qual, a reestruturação da gramática por parte de falantes de línguas *pidgins* e crioulas tem como base estruturas cognitivas, semânticas e não apenas gramaticais. Nesse sentido, a estrutura semântica por ser mais universal, transparente e menos marcada tende a ser mais fácil de ser aprendida do que as estruturas de superfície. Na

verdade, tais falantes fazem uso de variados meios expressivos com o intuito de se comunicarem. Daí, a possibilidade de entendermos o porquê de haver, nestas comunidades, uma associação entre o subjuntivo e o valor *irrealis*; assim, a reestruturação da gramática se dá também a partir da estrutura semântica indo ao encontro do padrão da 'língua alvo'. Em outras palavras, as estruturas semânticas universais tendem a influenciar a aquisição e o uso das formas de subjuntivo nessas comunidades.

#### 4.4 Morfologia do verbo da oração completiva

A partir dos resultados, verificamos a aplicação do princípio da *saliência fônica*, pois, nos verbos irregulares, que apresentam alto nível de saliência na oposição subjuntivo *versus* indicativo, a frequência de uso do subjuntivo é maior, 31 %, conforme o exemplo: "Norberto mandô dizê o senhô, ... que o senhô me *desse* cinqüenta mil. .. pra minha viagem!" (Hel., 20). Já nos verbos regulares, apresentam um nível baixo de *saliência fônica* na oposição subjuntivo-indicativo, demonstrando apenas 27% de uso do subjuntivo, abaixo da média geral, como em "E aí num qué que ela *mora* má ... má o marido dela" (Sapé, 05). A tabela a seguir apresenta os resultados dessa variável.

#### 4.5 O fenômeno sob a perspectiva social

Com relação às variáveis sociais, com o baixo número de ocorrências dos *corpora*, decorrente da reduzida faixa de variação encontrada, não obtivemos resultados consistentes no plano do encaixamento social da

variável analisada; tanto que nenhuma variável social foi selecionada pelo Programa VARBRUL

/220 Tabela 7

O uso do subjuntivo no português afro-brasileiro segundo a  
morfologia do verbo da oração completiva

TIPO DE ORAÇÃO	nº de oc. / Total	Frequência
1. Condicional	03/07	28%
2. Negativa	06/18	33%
3. Afirmativa	14/55	25%
TOTAL	23/80	29%

### Considerações finais

Para compreendermos o português do Brasil, é necessário conhecer a história tanto do português urbano, quanto do português rural, observando a origem e a constituição destas realidades lingüísticas. Temos os negros e seus descendentes como um dos agentes na difusão do PPB, em partes do território brasileiro, Os negros adquiriram o português de forma irregular, sem auxílio de meios normatizadores, produzindo uma variedade da língua portuguesa, marcada pela redução na morfologia flexional do verbo, Em decorrência da urbanização e da difusão dos meios de comunicação, as comunidades rurais passaram por um processo de mudança em direção à aquisição das formas de subjuntivo.

Identificamos, em nossa análise variacionista dos padrões de comportamento lingüística das comunidades afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, que a aquisição do subjuntivo por falantes de comunidades constituídas por afro-descendentes desencadeia-se, do ponto /221 de vista lingüístico, a partir de dois fatores: (i) um de base morfológica, em que a forma mais saliente, em termos morfofonológicos (tanto os verbos quanto os tempos), favorece a implementação das formas do subjuntivo; (ii) o outro fator é semântico: as formas do subjuntivo começam a ser empregadas nas referências a eventos claramente irreais. Na verdade, partindo da idéia de que, na oposição entre indicativo e subjuntivo, este estaria associado ao traço semântico *irrealis* e aquele, ao - traço *realis*, acreditamos que o princípio da ransparência semântica pode explicar o incremento das formas do subjuntivo, a partir do momento em que o falante percebe uma oposição ntre um modo relacionado com o *redis* e outro associado ao *irrealis*, assando a dispor de diferentes meios expressivos para efetivar a comunicação. Sendo assim, nas comunidades afro-brasileiras analisadas, a aquisição do subjuntivo tem, *a priori*, base tanto morfológica quanto semântica.

1 Mestre em Lingüística Histórica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

2 Uma análise detalhada do fenômeno pode ser encontrada em Meira (2006).

## Referências

FARIAS, Rosemeire L. da Silva. *A oposição indicativo/subjuntivo e o uso das conjunções 'mas' e embora' em textos de alunos da Educação Básica*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2005. 110f.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). In: *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001:

\_\_\_\_\_. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo e formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contexto lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. /222

LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. (Traduzido por MATTOS, Rosa Virgínia Silva;

PIMENTEL, Hélio. Revisado e supervisionado por SALUM, Isaac N.)

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da Língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

MEIRA, Vivian. *O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*, Dissertação (Mestrado) - Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2006, 317f.

PIMPÃO, Tatiana S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação (Mestrado em Letras) -

VIVIAN MEIRA, “O USO DO SUBJUNTIVO EM COMUNIDADES RURAIS ABRO-BRASILEIRAS”.  
© Revista da ABRALIN, v. 6, n. 1, p. 205-222, jan./jun. 2007

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

SANTOS, Maria Joana de Almeida Vieira dos. *Os usos do conjuntivo em Língua portuguesa: uma proposta de análise sintáctica e semântico-pragmática*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.